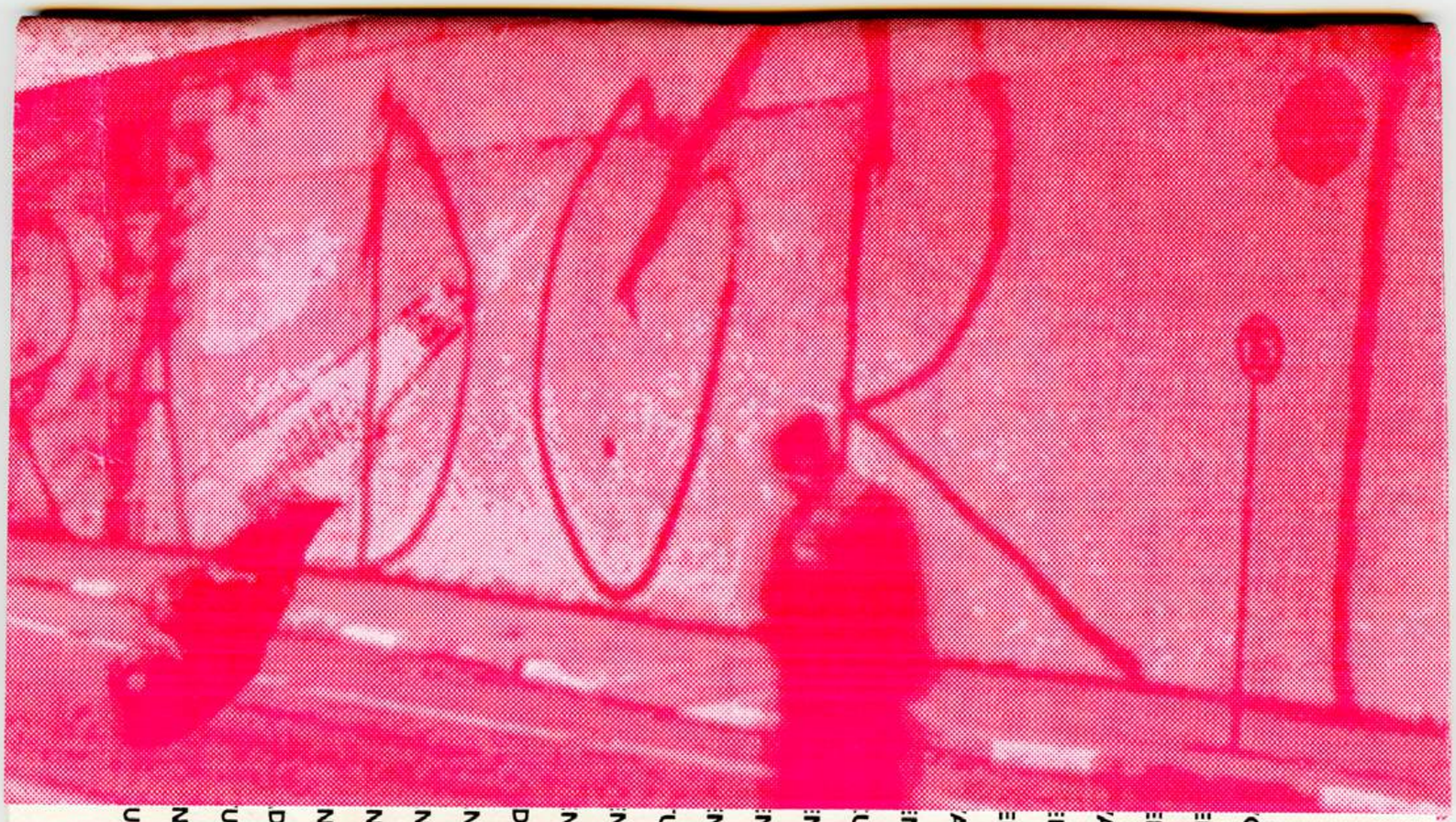


ALO, COMUNI ENTR ARQUITETURA PRESENTE? INCAPAZES

NÃO
NÃO
URA
DE
NÃO
NÃO
NÃO
NÃO
DAD13
NÃO
NÃO
URA
NÃO
NÃO
NÃO
URSO
NÃO
ADO
ER
NÃO
ADO
NÃO
NÃO
O

SÃO PAULO, 2018

MEMÓRIA	#ELENÃO	RACISMO	#ELENÃO	POVO
LAZER	#ELENÃO	CULTURA	ÓDIO	#ELENÃO
RUA	#ELENÃO	ÓDIO	#ELENÃO	#ELENÃO
#ELENÃO	#ELENÃO	#ELENÃO	UNIÃO	PRIVADO
#ELENÃO	#ELENÃO	#ELENÃO	#ELENÃO	#ELENÃO
LAZER	CULTURA	CIDADE	#ELENÃO	LAZER
#ELENÃO	GOVERNO	#ELENÃO	#ELENÃO	PRIVADO
FAMÍLIA	#ELENÃO	ESTADO	#ELENÃO	#ELENÃO
#ELENÃO	SOCIAL	#ELENÃO	#ELENÃO	DISCURSO
CIDADE	#ELENÃO	#ELENÃO	FAKE NEWS	#ELENÃO
#ELENÃO	#ELENÃO	ÓDIO	CIDADE	#ELENÃO
LAZER	#ELENÃO	#ELENÃO	#ELENÃO	#ELENÃO
PÚBLICO	#ELENÃO	CULTURA	LAZER	CULTURA
#ELENÃO	LGBTQ	#ELENÃO	#ELENÃO	#ELENÃO
#ELENÃO	#ELENÃO	ELEIÇÃO	#ELENÃO	#ELENÃO
LAZER	#ELENÃO	#ELENÃO	#ELENÃO	HADDAD13
#ELENÃO	LAZER	CIDADE	MORADIA	#ELENÃO
ÓDIO	#ELENÃO	#ELENÃO	#ELENÃO	#ELENÃO
#ELENÃO	CIDADE	#ELENÃO	CULTURA	#ELENÃO
#ELENÃO	CULTURA	DIREITOS	CULTURA	#ELENÃO
LAZER	#ELENÃO	#ELENÃO	#ELENÃO	CIDADE
LAZER	MULHERES	#ELENÃO	POLITICA	CULTURA
#ELENÃO	#ELENÃO	GESTÃO	#ELENÃO	#ELENÃO
#ELENÃO	VERDADE	#ELENÃO	CULTURA	CULTURA

ALO, COMUNI ENTR ARQUITETURA PRESENTE? INCARAZES

Esta publicação reúne textos e imagens encontrados na internet, livros e publicações periódicas. Foi realizada durante a Oficina Editorial Coletivo – Arquitetura e Política, promovida pela Goma Oficina e pela Piseagrama durante a XV Semana Viver Metrópole da Universidade Mackenzie.

Participaram
Ana David, André Stefanini, Chistian Salmeron, Fernando Banzi (Goma Oficina) – Paula Lobato (Piseagrama) – Thaís Zanini, Sophia Noronha, Sofia Olival, João Vitor Araújo, Gabrielle Frigotto Guilherme Carriel, Victor Martins, Laura Vasconcelos, Beatriz Saporito, Felipe dos Anjos, Gisete Reis.

Outubro de 2018

HISTÓRIA DO BAIRRO

A Praça da Liberdade e a estação Liberdade do metrô, localizadas no centro de São Paulo, passam a contar com a palavra "Japão" no nome, após um decreto do governador Márcio França (PSB), publicado no Diário Oficial do Estado de São Paulo no dia 24 de julho de 2018.

ALO, COMUNI ENTR ARQUITETURA PRESENTE? INCARAZES

Ana David, André Stefanini, Christian Saimeron,
Fernando Banzi (Goma Oficina) – Paula Lobato
(Piseagrama) – Thaís Zanini, Sophia Noronha,
Sofia Olival, João Vitor Araújo, Gabrielle Frigotto
Guilherme Carriel, Victor Martins, Laura Vasconcelos,
Beatriz Saporito, Felipe dos Anjos, Gisete Reis.

Outubro de 2018

PRAÇA E ESTAÇÃO DO METRÔ PASSAM A TER 'JAPÃO' NO NOME, EM HOMENAGEM ASSOCIADA AO APAGAMENTO DOS VESTÍGIOS NEGROS À HISTÓRIA DO BAIRRO

A Praça da Liberdade e a estação Liberdade do metrô, localizadas no centro de São Paulo, passam a contar com a palavra "Japão" no nome, após um decreto do governador Márcio França (PSB), publicado no Diário Oficial do Estado de São Paulo no dia 24 de julho de 2018.

ALO, COMUNI ENTR ARQUITETURA PRESENTE? INCAPAZES

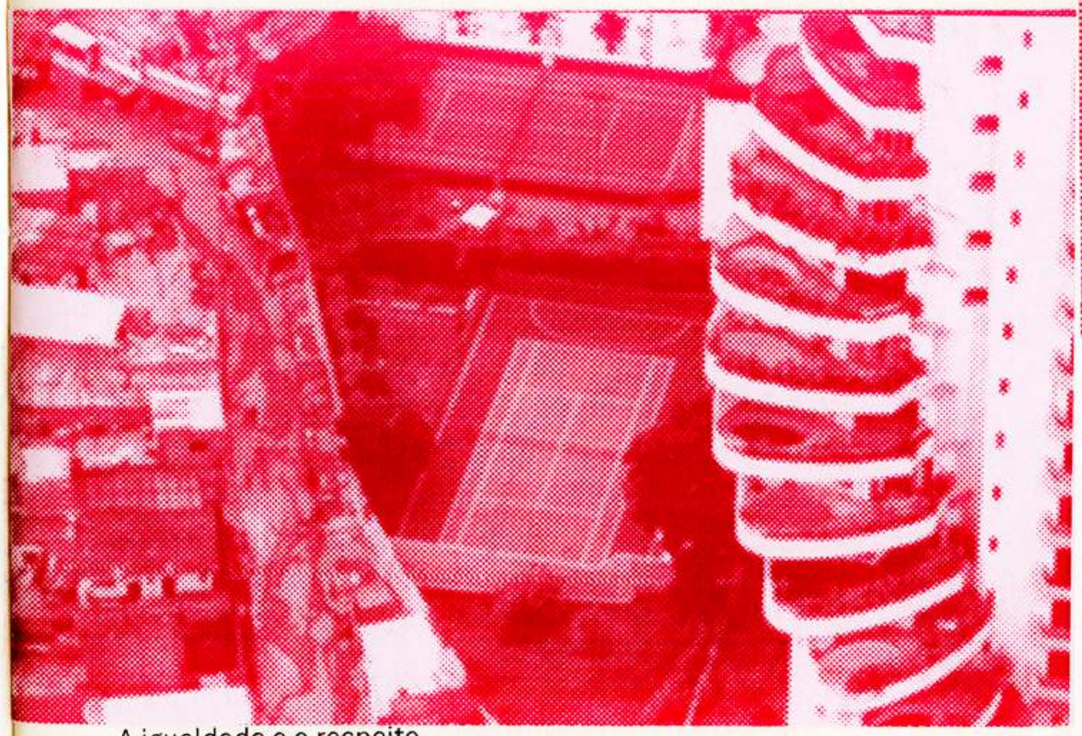
A primeira ressalva feita é que a referência oficial à imigração japonesa ignora o fato de que o bairro concentra hoje, também, chineses, coreanos, imigrantes de outros países asiáticos e seus descendentes. "O turista mais atento pode perceber que imigrantes de outros países do oriente também são encontrados com frequência na região. Mas a despeito disso, o bairro ainda concentra manifestações culturais nipônicas", justifica o projeto de lei de Ota e Leite. Mas a principal crítica de Igarashi remete não ao presente, mas ao passado do bairro: "inegavelmente negro" em sua origem, teve a história de ocupação por escravos e negros libertos apagada. "Lamentável usar uma (desnecessária) homenagem a nikkeis [descendentes de japoneses] para reforçar uma política histórica de antinegritude", escreveu.

Ana Barone identifica, no acréscimo da palavra Japão ao nome da praça e da estação, três tendências presentes na vida pública da cidade. A primeira, mais recente, é "a criação de notícias e fatos jornalísticos com apelo midiático, mas que em nada contribuem para a vida pública da cidade". "Nesse caso, assim como em outros exemplos atuais, busca-se associar lugares da cidade à suposta concentração de imigrantes de determinada origem, para dar ares pretensamente cosmopolitas à cidade", disse a professora ao Nexo. A segunda tendência é o apagamento da memória negra da cidade, sobretudo a partir da Proclamação da República, ocorrida um ano após a abolição da escravidão. A terceira é a varredura do passado colonial do país, assim como das estruturas e equipamentos que faziam parte do modo de vida colonial. "Essa tendência se fundamenta no propósito de construção do Brasil como uma nação moderna, sobretudo a partir da década de 1930. Todas as três materializam uma atitude política que nega uma parte da história do país e favorece outra", disse Barone em entrevista.

Para Ana Barone, a primeira coisa a ser feita pela preservação da memória negra em São Paulo é o reconhecimento de locais da cidade, sejam edificações, ruas ou bairros, que guardam em sua história a memória negra.

Lívia Machado, G1

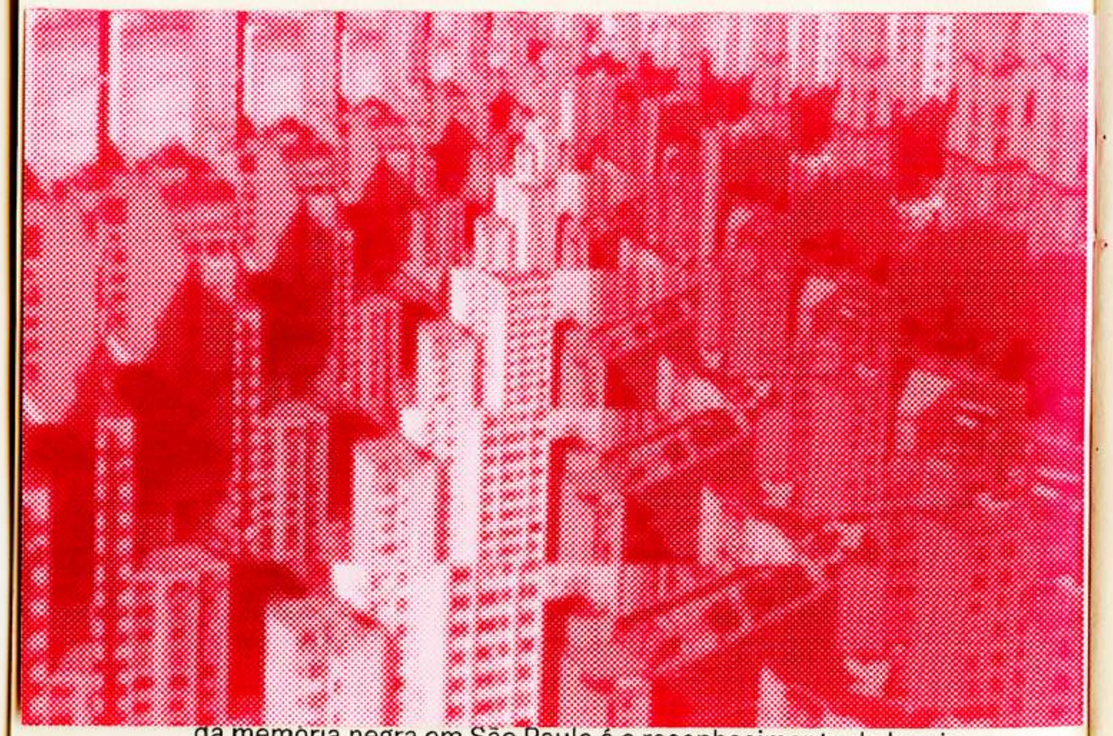
POVO GUERREIRO



A igualdade e o respeito
Mais do que anseios
Também são necessidades

Criolo

A primeira ressalva feita é que a referência oficial à imigração japonesa ignora o fato de que o bairro concentra hoje, também, chineses, coreanos, imigrantes de outros países asiáticos e seus descendentes. "O turista mais atento pode perceber que imigrantes de outros países do oriente também são encontrados com frequência na região. Mas a despeito disso, o bairro ainda concentra manifestações culturais nipônicas", justifica o projeto de lei de Ota e Leite. Mas a principal crítica de Igarashi remete não ao presente, mas ao passado do bairro: "inegavelmente negro" em sua origem, teve a história de ocupação por escravos e negros libertos apagada. "Lamentável usar uma (desnecessária) homenagem a nikkeis [descendentes de japoneses] para reforçar uma política histórica de antinegritude", escreveu.



da memória negra em São Paulo é o reconhecimento de locais da cidade, sejam edificações, ruas ou bairros, que guardam em sua história a memória negra.

Lívia Machado, G1

POVO GUERREIRO

Povo guerreiro, bate tambor
Comemora a liberdade
Mas a igualdade não chegou

Nossos ancestrais
Lutaram pela liberdade
Contra tudo e contra todos
O negro nunca foi covarde
Fugiu da senzala
Refugiou se nos quilombos
Conquistou a liberdade
Mas em busca da igualdade
Ainda sofre alguns tombos

No pós liberdade
O negro foi marginalizado
Teve a alma aprisionada
Com as algemas da desigualdade
Hoje refugiado em favelas
Onde a vida tem suas mazelas
Combate a miséria, o preconceito e a adversidade
A igualdade e o respeito
Mais do que anseios
Também são necessidades

Criolo

RESPEITEM MEUS CABELOS, BRANCOS

Respeitem meus cabelos, brancos
Chegou a hora de falar
Vamos ser francos
Pois quando um preto fala
O branco cala ou deixa a sala
Com veludo nos tamancos

Cabelo veio da áfrika
Junto com meus santos

Benguelas, zulus, gêges
Rebolos, bundos, bantos
Batuques, toques, mandingas
Danças, tranças, cantos
Respeitem meus cabelos, brancos

Se eu quero pixaim, deixa
Se eu quero enrolar, deixa
Se eu quero colorir, deixa
Se eu quero assanhar, deixa
Deixa, deixa a madeixa balançar

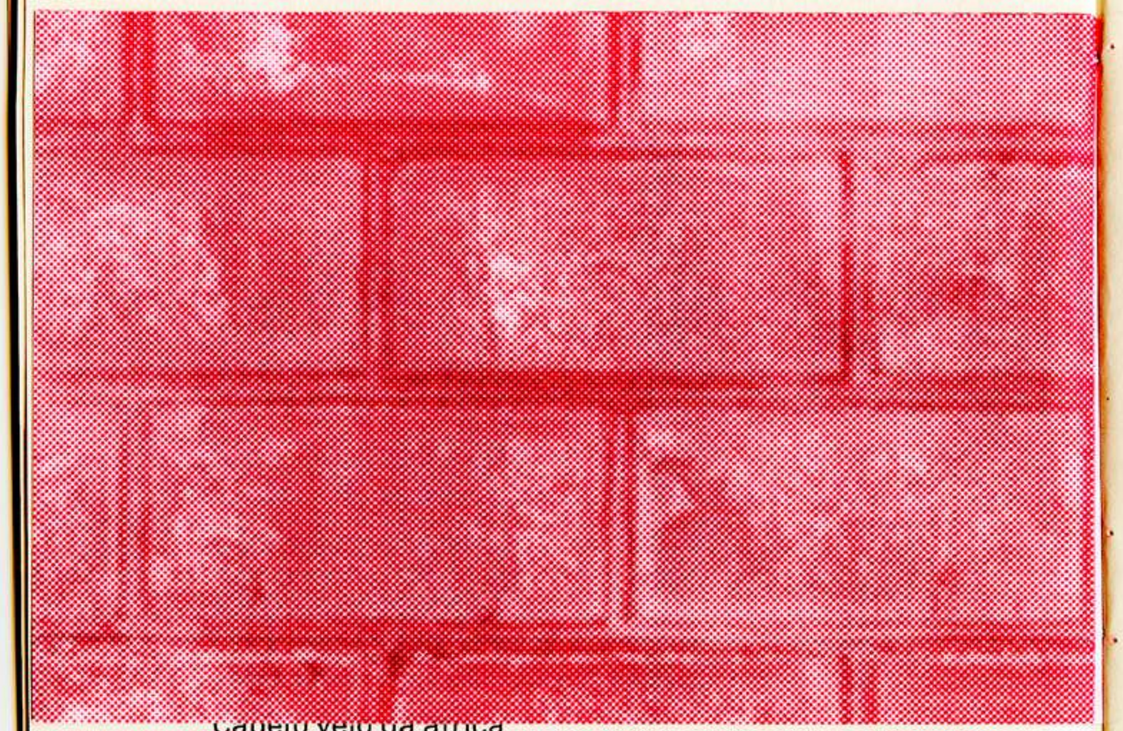
Chico César

ALÔ, COMUNIDADE ENTR ARQUITETURA PRESENTE? INCAPAZES

resistindo por meio da manifestação artística.

Estampada na lateral de um prédio próximo ao metrô Santa Cecília, centro da metrópole, a imagem imponente vem tomando forma e se soma à luta da comunidade LGBTQIA+ pela igualdade e liberdade. Um movimento com cada vez mais representantes na indústria da música a exemplo de Pabllo Vittar, Johnny Hooker e Liniker, entre outrxs. O painel traz a união dos traços do pintor Patrick Rigon, detalhista e adepto de representações hiper-realistas, e do grafiteiro Renan Santos, cujas inspirações francesas do século 19, bem ao gosto das histórias de Lewis Carroll, misturam figuras humanas e animais.

Marcela Brás, Vice



Cabelo veio da africa
Junto com meus santos

Benguelas, zulus, gêges
Rebolos, bundos, bantos
Batuques, toques, mandingas
Danças, tranças, cantos
Respeitem meus cabelos, brancos

Se eu quero pixaim, deixa
Se eu quero enrolar, deixa
Se eu quero colorir, deixa
Se eu quero assanhar, deixa
Deixa, deixa a madeixa balançar

Chico César

LINN DA QUEBRADA E AS BAHIAS SÃO AS MUSAS DE MURAL NO MINHOCÃO

As cantoras foram retratadas pelos artistas Patrick Rigon e Renan Santos, que juntaram seus pincéis para apoiar a luta pela igualdade e liberdade de todxs.

Agora a paisagem paulistana vai incluir três mulheres trans poderosíssimas carregando, literalmente, a bandeira "A Arte Resiste". O mural, um presente da Absolut para São Paulo, fica em uma empena junto ao Minhocão e traz as cantoras Linn da Quebrada e As Bahias - Assucena Assucena e Raquel Virgínia - resistindo por meio da manifestação artística.

Estampada na lateral de um prédio próximo ao metrô Santa Cecília, centro da metrópole, a imagem imponente vem tomando forma e se soma à luta da comunidade LGBTQIA+ pela igualdade e liberdade. Um movimento com cada vez mais representantes na indústria da música a exemplo de Pabllo Vittar, Johnny Hooker e Liniker, entre outrxs. O painel traz a união dos traços do pintor Patrick Rigon, detalhista e adepto de representações hiper-realistas, e do grafiteiro Renan Santos, cujas inspirações francesas do século 19, bem ao gosto das histórias de Lewis Carroll, misturam figuras humanas e animais.

Marcela Brás, Vice

Bancar o machão
Se valendo de pinto

Se achou o gostosão
Pensou que eu ia engolir
Ser bicha não é só dar o cu
É também poder resistir

Vou te confessar
Que às vezes nem eu me aguento
Pra ser tão viado assim
Precisa ter muito mais
Muito talento

Mc Linn da Quebrada

TALENTO

É o seguinte amiga: a bicha pode fazer um pedido?
Pode? Ai, arrasou!
Primeiramente obrigada por essa educação
Tentei falar com várias pessoas e ninguém me deu atenção, só porque sou travesti
Pior coisa do mundo, gata, é a gente não ter atenção
Faz essa linha com a bicha, gata, que Deus vai dar em dobro pra senhora

TALENTO

É o seguinte amiga: a bicha pode fazer um pedido?
Pode? Ai, arrasou!
Primeiramente obrigada por essa educação
Tentei falar com várias pessoas e ninguém me deu atenção, só porque sou travesti
Pior coisa do mundo, gata, é a gente não ter atenção
Faz essa linha com a bicha, gata, que Deus vai dar em dobro pra senhora

Não adianta pedir
Que eu não vou te chupar escondida no banheiro
Você sabe que eu sou muito gulosa
Não quero só pica
Eu quero o corpo inteiro

Nem vem com esse papo
Feminina tu não come?
Quem disse que linda assim
Vou querer dar meu cu pra homem?

Ainda mais da sua laia
De raça tão específica
Que acha que pode tudo
Na força de deus
E na glória da pica

Já tava na cara
Que tava pra ser extinto
Que não adiantava nada
Bancar o machão
Se valendo de pinto

Se achou o gostosão
Pensou que eu ia engolir
Ser bicha não é só dar o cu
É também poder resistir

Vou te confessar
Que às vezes nem eu me aguento
Pra ser tão viado assim
Precisa ter muito mais
Muito talento

Mc Linn da Quebrada

GRUPO SE MOBILIZA PARA EVITAR QUE TRAVESTI SEJA ENTERRADA COMO INDIGENTE EM SP

Vítima foi morta no centro; testemunha diz ter ouvido grito de 'Bolsonaro'. Ativistas da comunidade LGBT de São Paulo se mobilizam para impedir, em poucos dias, que uma travesti morta na madrugada de terça-feira (16) seja enterrada como indigente.
O crime ocorreu no centro da cidade, na avenida São João, e além de levantar a suspeita de motivação contra LGBTs, pode ter sido o mais recente caso de violência relacionada ao acirramento eleitoral.
Segundo o relato de uma testemunha a Folha, houve um grito de "Bolsonaro" momentos antes do crime.

Na madrugada seguinte ao primeiro turno das eleições (8), o compositor e mestre de capoeira Moa do Katendê foi assassinado também por esfaqueamento em Salvador após ter defendido o voto em Fernando Haddad (PT). O agressor defendia o voto em Jair Bolsonaro (PSL).
Além dele, uma estudante de Porto Alegre disse que teve uma suástica riscada com objeto cortante em sua pele por três homens devido a usar uma camiseta contra Bolsonaro. Ela desistiu de fazer representação criminal, no entanto.
Em Pernambuco, uma servidora pública foi espancada após criticar o candidato do PSL. O candidato afirmou que dispensa o voto de quem pratica violência.

Formas tornaram-se mais e mais estáticas, mais e mais dominantes. A ordem *humana* desde o início é, com a mesma facilidade, ligada à ordem arquitetônica, que não é mais do que o seu desenvolvimento. E se alguém ataca a arquitetura, cujas produções monumentais são atualmente os verdadeiros mestres do mundo, agrupando multidões servis em suas sombras, impondo admiração e espanto, ordem e limitação, é, por assim dizer, atacar o homem. Uma atividade completamente terrena, no presente, sem dúvida a que é mais brilhante na ordem intelectual, demonstra, aliás, apenas uma tendência, denunciando a inadequação da predominância *humana*: assim, por mais estranho que possa parecer quando diz respeito a uma criatura tão elegante como o ser humano, de certo modo revela – como foi indicado por pintores – a direção de uma monstruosidade brutal; como se não houvesse nenhuma outra possibilidade de escapar ao bando da corrente arquitetônica.

DICIONÁRIO CRÍTICO DA ARQUITETURA,
Georges Bataille

Controla sim. Você é tão culpado [quanto], a sua mão vai estar lavada de sangue até o pescoço, porque com o seu discurso você abriu um precedente", diz. "E ai você não controla mesmo, porque é uma população que se sente representada por esse discurso."

Paulo Gomes, Folha de S. Paulo

Vozes surgem para que fatos não sejam esquecidos e para que culpados sejam punidos. Anistia e amnésia possuem a mesma raiz: a-mnes-is (esquecimento). E esquecimento é o desejo do poder desaparecedor, para quedar impune e persistir no controle. Conforme o livro Justiça de transição: contornos do conceito, de Renan Quinalha (Outras Expressões, 2013), a violência das ditaduras ainda está presente nas sociedades atuais. A consolidação da democracia brasileira impõe o esclarecimento das atrocidades que foram cometidas nos anos de chumbo.
"A sociedade civil supor que o poder desaparecedor desapareça através de uma mágica inexistente".

PODER E DESAPARECIMENTO
Pilar Calvado

contra Bolsonaro. Ela desistiu de fazer representação criminal, no entanto.
Em Pernambuco, uma servidora pública foi espancada após criticar o candidato do PSL. O candidato afirmou que dispensa o voto de quem pratica violência.

MEDO
Segundo Viviane Trindade, articuladora social do Centro de Cidadania LGBTI da prefeitura, os depoimentos de ameaças contra esse público cresceram durante o periodo eleitoral. "Aumentou muito. Há um discurso que está deixando as pessoas mais violentas, mais agressivas. Elas estão se sentindo empoderadas [para praticar a intolerância]."

"Tem tido relatos de intimidação até da força policial", afirma. "Passam com o carro e gritam 'se prepara que fulano vai entrar e a raça de vocês vai acabar', diz. Fundador da associação que organiza a parada LGBT, Nelson atribui a responsabilidade as declarações de Bolsonaro.

"Não adianta o candidato dizer 'Ah, mas eu não controlo'. Controla sim. Você é tão culpado [quanto], a sua mão vai estar lavada de sangue até o pescoço, porque com o seu discurso você abriu um precedente", diz. "E ai você não controla mesmo, porque é uma população que se sente representada por esse discurso."

Paulo Gomes, Folha de S. Paulo

COM #ELENÃO E VAIAS, SHOW DE ROGER WATERS TEM REPERTÓRIO MATADOR E CLIMA TENSO

"Vocês têm uma eleição muito importante daqui a três semanas. Sei que isso não é da minha conta, mas devemos sempre combater o fascismo. Não dá para ser conduzido por alguém que acredita que uma ditadura militar pode ser uma coisa boa." Waters anunciou então um intervalo de 20 minutos. Nesse período, o telão passou a exibir, em inglês, frases pedindo que as pessoas resistam à guerra, aos maus governantes, à corrupção e muitas outras mazelas listadas pelo roqueiro.

Em determinado momento, o texto no telão pediu resistência contra os neofascistas, exibindo uma lista de países, destacando um político de cada lugar. Entre outros, ao lado do presidente americano Donald Trump e da líder da extrema-direita francesa Marie Le Pen, apareceu "Brasil - Jair Bolsonaro". Foi então que um porco inflável gigante flutuou sobre a plateia. Quase no final da música, veio no telão a inscrição "Ele não".

O pandemônio foi tamanho, com vaias e xingamentos a Waters, que o músico permaneceu no palco sem dizer nada por quase cinco minutos. Esperou um brecha, disse que certamente ele não sabia direito o que acontece no Brasil, para então disparar a citada declaração contra governantes fascistas, o que novamente detonou as manifestações na plateia.

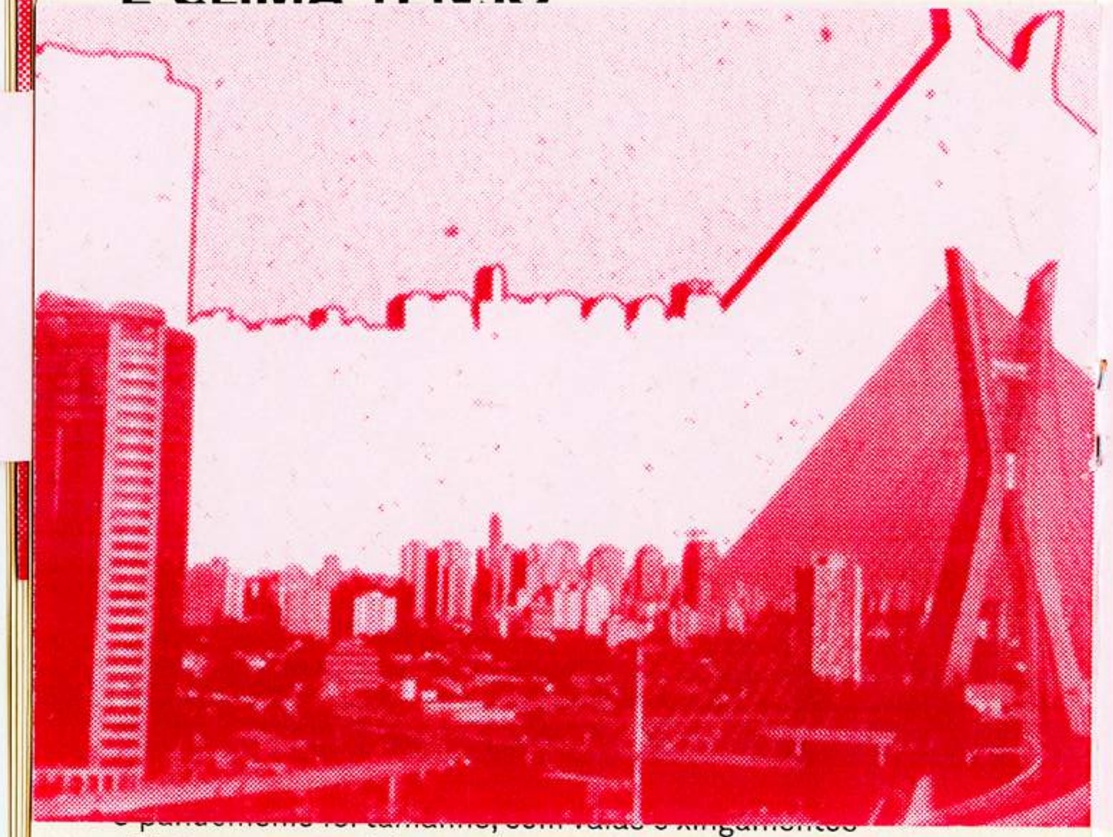
Thales de Menezes, Folha de São Paulo

Polícia Militar não fez estimativas.

"Tem o PT, tem a Rede, o pessoal do Ciro, do Boulos, é importante que estejam todos aqui. O cara nos uniu. Obrigada, Bolsonaro!", brincou Angela Martins, professora universitária de 65 anos que estava no local.

Pedro Venceslau, Marianna Holanda e José Maria Tomazela

COM #ELENÃO E VAIAS, SHOW DE ROGER WATERS TEM REPERTÓRIO MATADOR E CLIMA TENSO



[illegible] a Waters, que o músico permaneceu no palco sem dizer nada por quase cinco minutos. Esperou um brecha, disse que certamente ele não sabia direito o que acontece no Brasil, para então disparar a citada declaração contra governantes fascistas, o que novamente detonou as manifestações na plateia.

Thales de Menezes, Folha de São Paulo

O projeto *São Paulas*, desenvolvido em 2016 por Medida SP em parceria com Leila Santiago, mescla dados do Geosampa e do IBGE e nos faz pensar sobre os nada banais nomes das ruas. De acordo com a pesquisa, cerca de 5.000 logradouros da cidade têm nomes de mulheres. De um total de quase 70 mil logradouros, quase 27.500 têm nomes de homens. Como se não bastasse, a soma de quilômetros de logradouros masculinos é pelo menos seis vezes maior do que os com nomes femininos. **O título mais comum para nomes femininos é "santa," enquanto que para masculinos é "doutor." Se avenidas ou se ruelas também é um fator determinante do gênero dos topônimos.**

DAVI NO MUSEU
Renata Marquez

[illegible] Polícia Militar não fez estimativas.

"Tem o PT, tem a Rede, o pessoal do Ciro, do Boulos, é importante que estejam todos aqui. O cara nos uniu. Obrigada, Bolsonaro!", brincou Angela Martins, professora universitária de 65 anos que estava no local.

Pedro Venceslau, Marianna Holanda e José Maria Tomazela

COM #ELENÃO E VAIAS, SHOW DE ROGER WATERS TEM REPERTÓRIO MATADOR E CLIMA TENSO

Para os economistas, investidores e players globais, arquitetura é um sistema intrincado e dinâmico que rege o funcionamento do capitalismo contemporâneo. A chamada "arquitetura financeira internacional", apesar do nome pomposo e do otimismo ingênuo com a própria capacidade da arquitetura, pode ser para uns o esquema perverso de manutenção da ordem entre pobres e ricos e, para outros, um lucrativo modo de se fazer dinheiro, principalmente graças à internet. Mas de alguma forma, o preço da couve do almoço de ontem, do ônibus de hoje e a prestação da casa própria de amanhã, dependem dessa arquitetura abstrata e imaterial.

DEFINIÇÕES INCERTAS,
Wellington Cançado

O pandemônio foi tamanho, com vaias e xingamentos a Waters, que o músico permaneceu no palco sem dizer nada por quase cinco minutos. Esperou um brecha, disse que certamente ele não sabia direito o que acontece no Brasil, para então disparar a citada declaração contra governantes fascistas, o que novamente detonou as manifestações na plateia.

Thales de Menezes, Folha de São Paulo

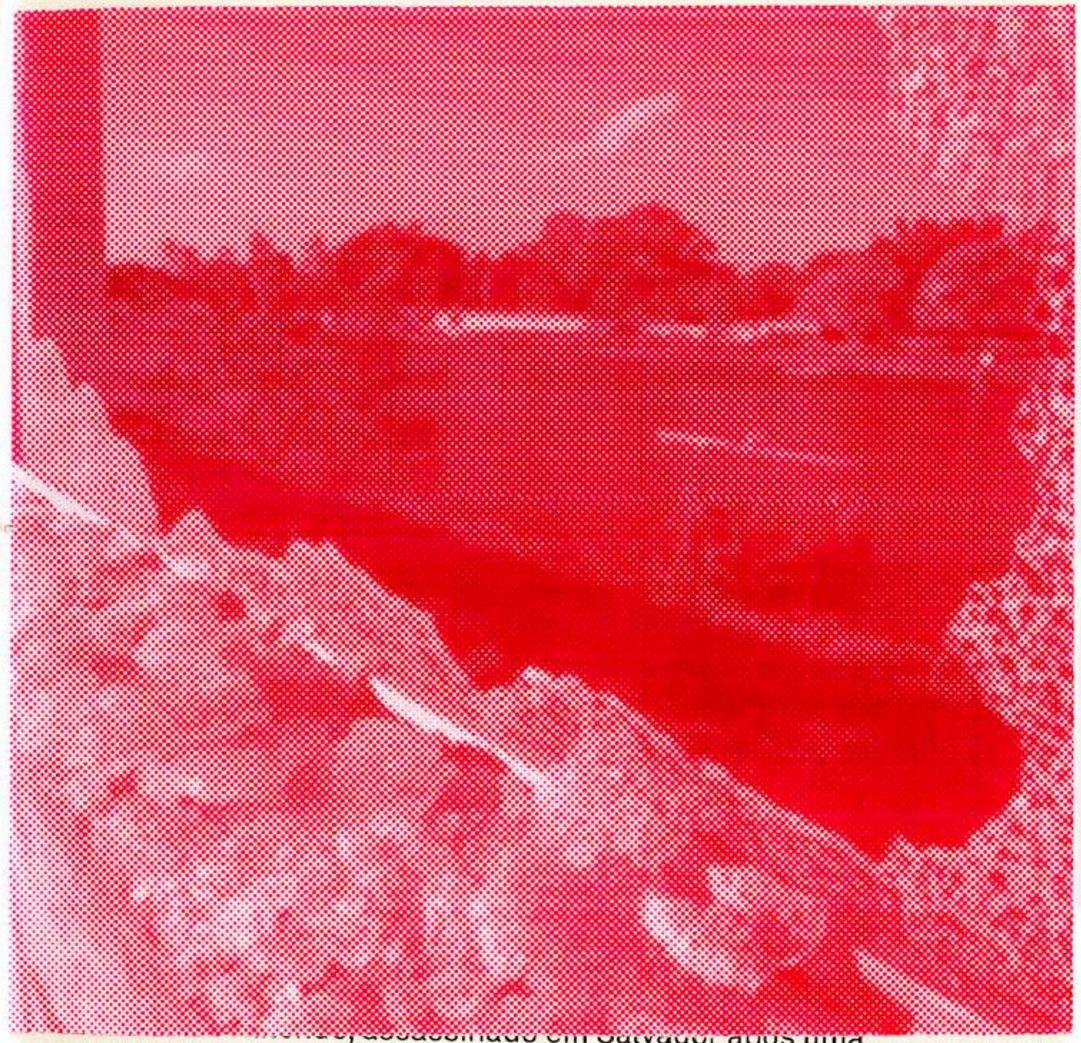
ATO CONTRA BOLSONARO UNE ADVERSÁRIOS EM SÃO PAULO

Ato contra a candidatura de Jair Bolsonaro (PSL) realizado neste sábado, 29, no Largo da Batata, em Pinheiros, na zona oeste de São Paulo, reuniu uma multidão e colocou lado a lado eleitores e militantes do PSOL ao PSDB, passando por Rede, PDT, PCdoB e PSTU. Ao redor do Brasil, dezenas de cidades receberam protestos contra o candidato.

Todas as candidatas que estão na disputa presidencial, exceto a senadora Ana Amélia (PP-RS), vice na chapa de Geraldo Alckmin (PSDB), passaram pelo ato, que reuniu 150 mil pessoas, segundo os organizadores. A Polícia Militar não fez estimativas.

"Tem o PT, tem a Rede, o pessoal do Ciro, do Boulos, é importante que estejam todos aqui. O cara nos uniu. Obrigada, Bolsonaro!", brincou Angela Martins, professora universitária de 65 anos que estava no local.

Pedro Venceslau, Marianna Holanda e José Maria Tomazela



JOVEM DIZ TER SIDO ESPANCADO POR ELEITORES DE BOLSONARO: "COMUNISTA MERECE"

"A gente vai marcar sua cara agora, porque é isso que comunista merece. Quando o Bolsonaro for eleito, é isso que vamos fazer", teria dito o agressor.
A única coisa que pensava é 'vou morrer agora, vão me matar'. Eles estavam com muito ódio. Quando vi que iam me marcar, foi um desespero mortal"

Luiz Alberto Gomes, UOL

...discussão com um apoiador do militar da reserva
Questionado por atos de violências praticados por seus eleitores, Bolsonaro já disse, em algumas ocasiões, lamentar a violência no país e afirmou que não pode controlar seus apoiadores.

Luiz Alberto Gomes, UOL

comunista merece. Quando o Bolsonaro for eleito, é isso que vamos fazer", teria dito o agressor.
A única coisa que pensava é 'vou morrer agora, vão me matar'. Eles estavam com muito ódio. Quando vi que iam me marcar, foi um desespero mortal"

Luiz Alberto Gomes, UOL

MULHER DIZ TER SIDO COAGIDA PELA PM EM SHOW

Com medo de represálias, ela optou por apagar os vídeos das redes sociais e não registrou boletim de ocorrência. A jornalista disse ainda que não pretende expor as PMs envolvidas no caso por saber que o "problema não era pessoal", mas se sentiu "agredida pelo Estado."

"A Rosa Weber [presidente do TSE (Tribunal Superior Eleitora)] disse que nossas instituições estavam funcionando de maneira democrática e não havia nenhuma preocupação com a nossa democracia. Duas horas depois eu fui impedida de exercer meus direitos básicos e constitucionais de liberdade expressão e manifestação política".

Casos de violência durante a eleição
Os casos de violência com motivações políticas têm chamado nas últimas semanas. O crime de maior repercussão foi a morte do mestre de capoeira Moa do Katendê, assassinado em Salvador após uma discussão com um apoiador do militar da reserva
Questionado por atos de violências praticados por seus eleitores, Bolsonaro já disse, em algumas ocasiões, lamentar a violência no país e afirmou que não pode controlar seus apoiadores.

Luiz Alberto Gomes, UOL

NÃO FAZER NADA, COM URGÊNCIA

ACUPUNTURA URBANA
Ion Cuervas-Mons Morató

MOVIMENTO DE MULHERES PROMOVE 'VIRADA CULTURAL' EM DEFESA DA DEMOCRACIA

"A Virada Cultural é um momento para renovarmos as energias para encarar o segundo turno dessas eleições. Convidamos artistas, intelectuais, sindicatos, movimentos sociais, universidades e ativistas dos direitos humanos, do campo e da zona urbana, para juntos fortalecermos a luta em defesa da democracia", informa a organização do evento.

Amazonas Atual

Giselle Beiguelman, Dissenso

24/10/2018
E ele iria deixar aquele "tumor" no meio da cidade?
Aço nos nóia
Sejamos sensatos, tem que matar, senão não resolve.
Que coisa linda deixa a gente aqui do interior fazer isso com os sem terra mas usando a 12 com chumbo 3T.
Deveriam colocar fogo em tudo que vissem pela frente, principalmente nas barracas!
A maioria desses viciados são nordestinos... O governo precisa enviá-los para suas terras de volta.
FODA-SE OS DIREITOS HUMANOS!!!!!!!!!

No caso de São Paulo, com exceção da Praça das Artes (2006), infelizmente ainda não terminada, não foram feitas obras arquitetônicas relevantes de escala urbana nas últimas décadas. Por outro lado, como negar a importância de eventos como a Virada Cultural, o Festival Baixo Centro e a conversão do Minhocão em parque aos domingos? Ou, ainda, a consistência dos movimentos de luta por moradia e a ressonância da democrática e conflituosa disputa por espaço na nova Praça Roosevelt?

O QUE ACONTECEU COM O URBANISMO?
Guilherme Wisnik

MOVIMENTO DE MULHERES PROMOVE 'VIRADA CULTURAL' EM DEFESA DA DEMOCRACIA

"A Virada Cultural é um momento para renovarmos as energias para encarar o segundo turno dessas eleições. Convidamos artistas, intelectuais, sindicatos, movimentos sociais, universidades e ativistas dos direitos humanos, do campo e da zona urbana, para juntos fortalecermos a luta em defesa da democracia", informa a organização do evento.

Amazonas Atual

ODIOLÂNDIA

Odiolândia é uma lente de aumento para a ler o imaginário da cidade e do país. Nestes nossos tempos de Bíblia, Boi e Bala, o que prevalece é a cultura do ódio. Ódio contra os gays, ódio contra transexuais, ódio contra os negros, ódio contra os pobres. Tudo isso sistematizado numa verdadeira "guerra" declarada contra os Direitos Humanos, sempre achincalhados como "direto dos manos".

As reações — aos milhares — às ações da Prefeitura de São Paulo e do Governo do Estado na Cracolândia nas redes sociais revelam discursos preconceituosos, racistas, francamente favoráveis a políticas de extermínio. Os dependentes químicos são chamados de "tumor", "lixo", "câncer".

Giselle Beiguelman, Dissenso

24/10/2018
E ele iria deixar aquele "tumor" no meio da cidade?
Aço nos nóia
Sejamos sensatos, tem que matar, senão não resolve.
Que coisa linda deixa a gente aqui do interior fazer isso com os sem terra mas usando a 12 com chumbo 3T.
Deveriam colocar fogo em tudo que vissem pela frente, principalmente nas barracas!
A maioria desses viciados são nordestinos... O governo precisa enviá-los para suas terras de volta.
FODA-SE OS DIREITOS HUMANOS!!!!!!!!!

O seu elemento é de um mundo em que o que importa são as perspectivas e os pontos de vista, e em que ainda era possível assumir uma posição. Entretanto, as coisas tornaram-se excessivamente agresivas para a sociedade humana.

RUA DE MÃO ÚNICA
Walter Benjamin

ALEMÃES, BEBAM CERVEJA ALEMÃ!

O povo está obcecado por um ódio frenético contra a vida intelectual, um ódio que descobriu na contagem dos corpos a garantia da destruição dessa vida.
Onde quer que o permitam, eles alinham-se em fila e caminham a passo de marcha ao encontro do fogo cerrado e da alta dos preços. O seu horizonte é o das costas do que vai à sua frente, e todos se sentem muito orgulhosos por constituírem um exemplo para o que vem atrás.

Walter Benjamin, Rua de Mão Única

segundo dados da própria Prefeitura, permanecem na praça em um acampamento improvisado.
As famílias, muitas com crianças, passam o dia na praça em barracas doadas, em meio ao lixo e vendo gelado. a partir da Proclamação da República, ocorrida um ano após a abolição da escravidão. A terceira é a varredura do passado colonial do país, assim como das estruturas e equipamentos que faziam parte do modo de vida colonial. “Essa tendência se fundamenta no propósito de construção do Brasil como uma nação moderna, sobretudo a partir da década de 1930. Todas as três materializam uma atitude política que nega uma parte da história do país e favorece outra”, disse o promotor Marcus Vinicius Monteiro dos Santos.

Redação, Revista Fórum

O filho começa a ficar assim meio gayzinho, leva um coro, ele muda o comportamento dele. Olha, eu vejo muita gente por aí dizendo: ainda bem que eu levei umas palmadas, meu pai me ensinou a ser homem.

JAIR BOLSONARO

ALEMAES, BEBAM CERVEJA ALEMÃ!

O povo está obcecado por um ódio frenético contra a vida intelectual, um ódio que descobriu na contagem dos corpos a garantia da destruição dessa vida.
Onde quer que o permitam, eles alinham-se em fila e caminham a passo de marcha ao encontro do fogo cerrado e da alta dos preços. O seu horizonte é o das costas do que vai à sua frente, e todos se sentem muito orgulhosos por constituírem um exemplo para o que vem atrás.

Walter Benjamin, Rua de Mão Única

MAIS DE UM MÊS APÓS DESABAMENTO DE PRÉDIO NO PAISSANDÚ, FAMÍLIAS SEGUEM ACAMPADAS

Somente na última semana que a prefeitura de São Paulo instalou banheiros químicos para os sem-teto que, após o desabamento do edifício próximo ao Largo do Paissandú, passaram a viver na rua
Passado mais de um mês do incêndio e desabamento do edifício Wilton Paes de Almeida, ainda não há perspectiva de solução para as famílias que ocupavam o prédio ocioso no Largo do Paissandú, centro da capital paulista. 126 famílias que agora são sem-teto, segundo dados da própria Prefeitura, permanecem na praça em um acampamento improvisado.
As famílias, muitas com crianças, passam o dia na praça em barracas doadas, em meio ao lixo e vendo gelado. a partir da Proclamação da República, ocorrida um ano após a abolição da escravidão. A terceira é a varredura do passado colonial do país, assim como das estruturas e equipamentos que faziam parte do modo de vida colonial. “Essa tendência se fundamenta no propósito de construção do Brasil como uma nação moderna, sobretudo a partir da década de 1930. Todas as três materializam uma atitude política que nega uma parte da história do país e favorece outra”, disse o promotor Marcus Vinicius Monteiro dos Santos.

Redação, Revista Fórum

JUSTIÇA DETERMINA QUE MORADORES DA CRACOLÂNDIA DEIXEM IMÓVEIS ATÉ 16 DE ABRIL

O Conselho Tutelar e Defensoria Pública demonstraram preocupação com os esclarecimentos sobre as ações de despejo prestados pelos representantes do prefeito João Doria e do governador Geraldo Alckmin, ambos do PSDB.

A decisão não agradou o Ministério Público de São Paulo. "O agendamento de data para remoção das famílias que vivem na Quadra 36 do bairro de Campos Elíseos, tal como determinada, afronta a lei e viola direitos básicos daquelas pessoas. Em primeiro lugar, porque a legislação exige que antes de qualquer intervenção naquela ZEIS-3 seja criado um Conselho Gestor que deverá aprová-la. Esse Conselho ainda não foi criado e nem será até o dia da remoção", disse o promotor Marcus Vinicius Monteiro dos Santos.
na plateia.

Thales de Menezes, Folha de São Paulo

MAIS MORADIA. SEM

No âmbito restrito ao qual me referi aqui, o teatro pode ser um dispositivo, entre outros, para a reversão do poder sobre a vida em potência da vida. Afinal, na esquizocenia **a loucura é capital biopolítico**. Mas o alcance dessa afirmação extrapola em muito a loucura ou o teatro, e permitiria pensar a função de dispositivos multifacéticos –ao mesmo tempo políticos, estéticos, clínicos– na reinvenção das coordenadas de enunciação da vida. Nas condições subjetivas e afetivas de hoje, com as novas formas de "ligação" e de "desligamento" que caracterizam a multidão contemporânea, e que se deixam ler na "comunidade dos que não têm comunidade", um dispositivo "minúsculo" como o que apresentamos ressoa com as urgências maiúsculas do presente.

SÉRGIO PENNA

As famílias, muitas com crianças, passam o dia na praça em barracas doadas, em meio ao lixo e vento gelado.

Pedro Venceslau, Marianna Holanda e José Maria Tomazela

JUSTIÇA DETERMINA

A Corte ordenou que o governo **Trump** reunisse mais de 2.500 crianças forçadas a se separarem de seus pais. Segundo informações, espera-se que mais de 900 pessoas continuem separadas do restante da família porque a administração os considerou "ilegais" ou "ainda não reconhecidos legais" para a reunificação.

ANISTIA INTERNACIONAL

foi criado e nem será até o dia da remoção", disse o promotor Marcus Vinicius Monteiro dos Santos. na plateia.

Thales de Menezes, Folha de São Paulo

MAIS MORADIA, SEM REMOÇÃO: FÓRUM APRESENTA PROJETO DE URBANISMO PARA A CRACOLÂNDIA

Somente na última semana que a prefeitura de São Paulo instalou banheiros químicos para os sem-teto que, após o desabamento do edifício próximo ao Largo do Paissandú, passaram a viver na rua.

Passado mais de um mês do incêndio e desabamento do edifício Wilton Paes de Almeida, ainda não há perspectiva de solução para as famílias que ocupavam o prédio ocioso no Largo do Paissandú, centro da capital paulista. 126 famílias que agora são sem-teto, segundo dados da própria Prefeitura, permanecem na praça em um acampamento improvisado.
As famílias, muitas com crianças, passam o dia na praça em barracas doadas, em meio ao lixo e vento gelado.

Pedro Venceslau, Marianna Holanda e José Maria Tomazela

PREFEITURA NÃO PAGA CONTA DE ÁGUA E LUZ, E MURO VERDE DE DORIA DEFINHA NA 23 DE MAIO

Prefeitura não paga conta de água e luz, e muro verde de Doria definha na 23 de Maio. Sem água, plantas secam pouco mais de um ano após terem sido plantadas na parede de avenida de SP. São Paulo, passou meses sem receber irrigação porque a prefeitura não pagou contas de água e luz referentes ao abastecimento. A falha de gestão contribuiu para a deterioração das plantas, hoje secas.

De acordo com o secretário municipal de subprefeituras, Marcos Penido, o pagamento das contas de luz e água e a manutenção do muro verde tinham ficado sob responsabilidade dessa empresa. Em abril, porém, o secretário disse que a empresa desistiu da doação, menos de um ano após a inauguração e bem antes do prazo acordado de 36 meses. A empresa nem sequer pode ser multada, já que tudo foi apenas apalavrado por meio de cartas com a prefeitura.

Em um trecho, ele explicita que "as ligações haviam sido cortadas devido ao não pagamento". Em outra mensagem, o diretor do Ilume, departamento de iluminação, cita o "risco iminente da morte das plantas" e pediu aos funcionários da Eletropaulo para priorizar a religação. Em estado de deterioração, o jardim vertical apresenta hoje longos trechos de vegetação seca e danos na estrutura, como hastes quebradas que sustentam a iluminação.

Mariana Zylberkan, Folha de S. Paulo

MAIS DOAÇÕES DE DORIA

Sou obrigada a concordar com Friedrich Nietzsche: na origem da demanda por justiça está o desejo de vingança. Nem por isso as duas coisas se equivalem. O que distingue civilização de barbárie é o empenho em produzir dispositivos que separem um de outro. Essa é uma das questões que devemos responder a cada vez que nos indignamos com as consequências da tradicional violência social em nosso país. Escrevo "tradicional" sem ironia. O Brasil foi o último país livre no Ocidente a abolir a prática bárbara do trabalho escravo. Durante três séculos, a elite brasileira capturou, traficou, explorou e torturou africanos e seus descendentes sem causar muito escândalo. Joaquim Nabuco percebeu que a exploração do trabalho escravo perverteria a sociedade brasileira –a começar pela própria elite escravocrata. Ele tinha razão. Ainda vivemos sérias consequências desse crime prolongado que só terminou porque se tornou economicamente inviável. Assim como pagamos o preço, em violência social disseminada, pelas duas ditaduras –a de Vargas e a militar (1964 e 1985) – que se extinguiram sem que os crimes de lesa-humanidade praticados por agentes de Estado contra civis capturados e indefesos fossem apurados, julgados, punidos.

JUSTIÇA OU VINGANÇA
Maria Rita Kehl

PLANTIO DE ÁRVORES

Parceria nunca firmada entre Doria e a Ultrafarma previa o plantio de 600 mil árvores na cidade. A empresa ganhou divulgação da marca em diversos eventos, mas não chegou a doar as mudas prometidas e o acordo nunca foi fechado oficialmente.

Redação, Folha de S. Paulo

QUALQUER PODER BUSCA NÃO APENAS CONTROLAR, MAS FAZER DESAPARECER O DISFUNCIONAL

o diretor do Ilume, departamento de iluminação, cita o "risco iminente da morte das plantas" e pediu aos funcionários da Eletropaulo para priorizar a religação. Em estado de deterioração, o jardim vertical apresenta hoje longos trechos de vegetação seca e danos na estrutura, como hastes quebradas que sustentam a iluminação.

Mariana Zylberkan, Folha de S. Paulo

MAIS DOAÇÕES DE DORIA QUE NÃO DERAM CERTO

A substituição do muro que cercava a raia da USP por um painel de vidro foi anunciada por Doria em julho de 2017. Empresas doaram os materiais para a obra, que incluem 1.222 placas de vidro, avaliadas em cerca de R$ 4.000 cada uma. Mais de 20 placas já instaladas 25/10/2018 foram quebradas, mas a polícia não sabe quem ou o que teria sido responsável pelos danos. A negociação para a construção do muro não dispõe de um contrato entre as companhias e a universidade, apenas um termo de doação

TRABALHO NOVO
O programa, que visa empregar moradores de rua com apoio da iniciativa privada, é sustentado por doações. Não existe um vínculo formal da empresa que prepara as contratações e a administração municipal, apenas um termo de colaboração. Por conta disso, a gestão atual não consegue monitorar o projeto adequadamente. A promessa era empregar 20 mil pessoas até o fim de 2017. Até o início deste mês, 2.503 moradores de rua tinham conseguido ocupação

FARINATA
Em outubro de 2017, Doria anunciou que a farinata integraria a merenda escolar . Os produtos usados na farinha, feita a partir de alimentos próximos ao prazo de vencimento, seriam doados por empresas. O projeto contrariava normas que regem a alimentação escolar e foi abortado após intensas críticas

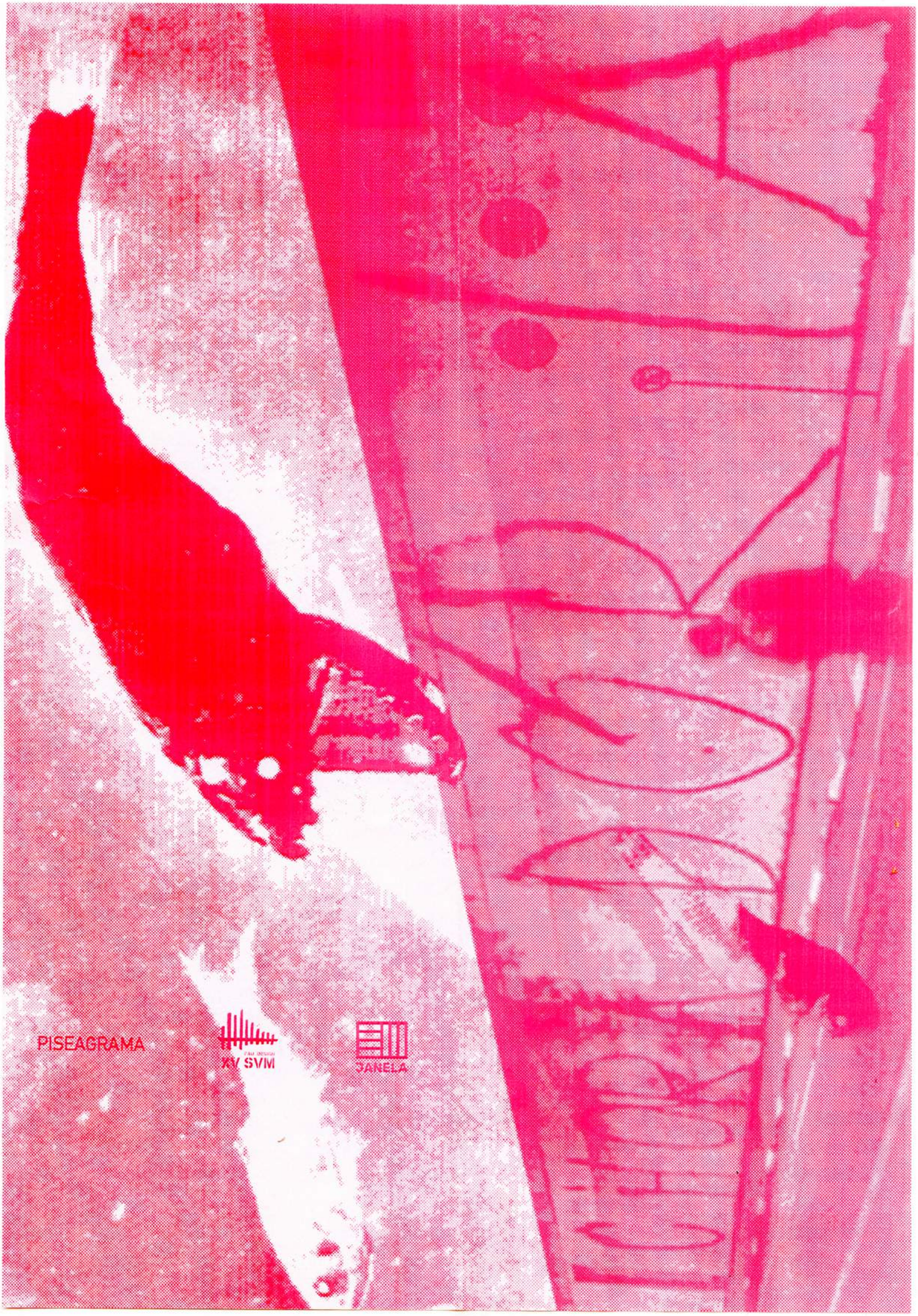
PLANTIO DE ÁRVORES
Parceria nunca firmada entre Doria e a Ultrafarma previa o plantio de 600 mil árvores na cidade. A empresa ganhou divulgação da marca em diversos eventos, mas não chegou a doar as mudas prometidas e o acordo nunca foi fechado oficialmente.

Redação, Folha de S. Paulo

ESTA PUBLICAÇÃO CONTÉM TEXTOS DE

Anistia Internacional
Criolo
Chico César
Georges Bataille
Giselle Beiguelman
Guilherme Wisnik
Ion Cuervas-Mons Morató
Jair Bolsonaro
José Maria Tomazela
Livia Machado
Luiz Alberto Gomes
Marcela Bráz
Maria Rita Kehl
Mariana Zylberkan
Marianna Holanda
Mc Linn da Quebrada
Paulo Gomes
Pedro Venceslau
Pilar Calvado
Renata Marquez
Sérgio Pena
Thales de Menezes
Walter Benjamin
Wellington Cançado

Outubro 2018
São Paulo


PISEAGRAMA
XV SVIM
PANELA

Esta publicação foi produzida em tempos de alarme. Nestes dias, debater os laços entre Arquitetura e Política se mostra ainda mais urgente. Não são poucas as ameaças de uma grave ruína da democracia, ruindo atrás o seu espaço originário: a pólis. Espaço que dá berço à palavra e ao diálogo, à troca e à possível construção de um projeto comum.
Frente à este horizonte é fundamental pesarmos e considerarmos o que vemos tanto como um avanço. Demonstrar os espaços e seus respectivos sujeitos invisibilizados: o descaso com a classe trabalhadora, que espoliada e abandonada pelo Estado comunitariamente inventa um habitar; a violência explícita à juventude negra, que tem sua carne atravessada pela palavra e pelas armas e resiste; às mulheres que na resistência não tem direito efetivo ao seu corpo na metrópole; à população LGBT, cujas formas de viver e de amar estão vedadas de se realizar no espaço público; aos imigrantes cuja vida é objeto de controle e crítica justamente de um povo historicamente colonizado e dominado. Um Estado que delimita seus territórios de ação e inação, de pacificação e violência, pede uma emergencial ação.
E se podemos falar de avanços nos últimos anos, estes vieram justamente destes grupos que este deixa à margem. Como lembra Walter Benjamin "não há documento de cultura que não é também documento de barbárie". Pois é esta barbárie que se mostra no subsolo dos ofícios assinados por tecnocratas, sob os planos de gestão urbana, e hoje assinala sua presença no cotidiano, nada insuspeita.
Em Cascas, Didi-Huberman irá estender a ambivalência benjaminiana. Pois a cultura expressa-se no espaço tal qual na palavra documental. Logo, não há lugar de cultura que não seja também lugar de barbárie. Se assim for, o estranho descolamento entre o pretenso avanço técnico dos dispositivos produção espacial, que não avança senão em seu poder de segregar formas de vida e geri-las em sua precariedade talvez possa ser pensado como um verdadeiro entranhamento de cultura e barbárie nas formas como produzimos arquitetura e cidades.
Para a contenção da barbárie, faz-se necessário anunciá-la. Enunciá-la. Fazer vê-la. Colocar à nu aquilo que a cultura vela e em tempos sombrios, a mascara e fantasia. E trazer à superfície suas formas comuns. Como pontua Bataille, na arquitetura se expressa um gosto predominante para a autoridade divina ou humana. Talvez seja o caso de voltar-se às vidas que foram excluídas e, todavia, produzem mundos à parte da ordem divina na qual instauramos esta cultura? Seria esta a tarefa de uma arquitetura que questione esta divinização, desatrelada das necessárias práticas instituídas e instituições, abrindo um caminho com aqueles que lutam pela vida e pelo reconhecimento desta em sua real medida? Forçar os limites da arquitetura, excede-los e, neste solo profano, efetivar modos de invenção do espaço que integrem aqueles que protagonizam e protagonizaram a história: os vencidos. Uma arquitetura dos vencidos entretanto não é uma arquitetura da desistência. Mas uma real e efetiva arquitetura da resistência.
Por pessoas comuns, em um mundo profano.